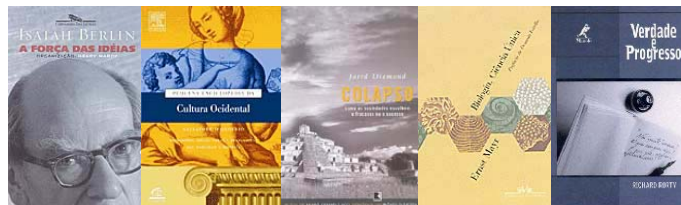


RELeituras

Viva o progresso! (Quem viver, verá)



Dawisson Belém Lopes

It's evolution, baby! – A teleologia foi a ideologia que mais influenciou o percurso das ciências biológicas – diz Ernst Mayr, considerado o “Darwin do século XX”. Trata-se de uma visão de mundo finalista, com raízes variadas: as crenças milenaristas cristãs, o evolucionismo transformacionista, a (ingênua?) esperança de muitos por um mundo melhor, e, destacadamente, o entusiasmo iluminista com a idéia do progresso. O biólogo Mayr adverte que, até bem recentemente, a teleologia era apenas uma entre as muitas frentes de pensamento. Porém, sobretudo a partir do século XX, com a disseminação de conceitos como os de *modernização* e de *progresso* pelos quatro quadrantes do globo, percebe-se que o termo final da trajetória humana passou a ser esculpido em formatos mais ou menos previsíveis, a saber, o crescimento acelerado da economia, a industrialização maciça (e altamente predatória do meio ambiente), a urbanização completa e irreversível (a despeito do homem do campo)...

Hoje, tanto na Biologia quanto fora dela, a teleologia ainda segue com vigor. A sereia do progresso não seduz como dantes. Mas alguns mistérios do método teleológico vêm sendo decifrados – com o precioso aporte dos biólogos –, de tal sorte que, até no campo das Relações Internacionais, teóricos do peso de Alexander Wendt se aventuram pela teleologia (Wendt, há pouco, foi responsável pelo prognóstico audacioso de que, dentro de 200 anos, no mais tardar, teremos um *Estado weberiano mundial*.) Mayr, o nosso Darwin redivivo, anota que, com o incremento das reflexões filosóficas a respeito da teleologia, um mito que se desfez foi o da “causação retroativa”. Processos teleológicos não operam retroativamente desde uma meta futura – o que refuta, adicionalmente, a alegação de haver um conflito entre explicações causais e teleológicas. Como diz o filósofo popular: “*uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa!*” Para compreender melhor o assunto, a pedida é *Biologia, Ciência Única*, do bom prosador e celebrado evolucionista Ernst Mayr [Companhia das Letras, 2005].

Quanto maior a estatura, maior o tombo - Em *Colapso*, *best-seller* do geohistoriador americano Jared Diamond, investigam-se as razões que conduzem sociedades inteiras ao “sucesso” ou ao “fracasso”. O forte apelo por uma concepção desenvolvimentista que seja sustentável no correr do tempo é pontuado por exemplos históricos de comunidades que, ao privilegiarem ideais como o *progresso* e o *bem-estar*, descuraram aspectos que as guiaram, eventualmente, ao mais completo colapso. O primeiro desses fatores de colapso envolve os danos que as pessoas infligem ao meio ambiente. “O porquê de apenas certas sociedades sofrerem colapsos ambientais”, diz Diamond, “pode em princípio relacionar-se tanto com a excepcional imprudência de seus povos, a fragilidade de seu meio ambiente, ou ambas as coisas ao mesmo tempo”. Em segundo lugar, elenca-se a mudança climática – fator que pode ou não estar diretamente associado à ação humana. Fazem uma terceira combinação relevante os chamados “vizinhos hostis”. Isto quer dizer que uma sociedade que não fosse suficientemente forte, do ponto de vista militar, para defender-se dos seus vizinhos hostis, sucumbiria fatalmente (o Império Romano sendo o exemplo clássico). O quarto feixe de motivos para o colapso de uma sociedade é a dependência comercial de um vizinho amigável que, por algum motivo, venha colapsar. Por fim, ensina o professor da Universidade da Califórnia, há o “quinto elemento”: a questão ubíqua de *como as sociedades respondem aos seus problemas, ambientais ou não*. O vezo culturalista entra em jogo. Pesados todos os fatores, Diamond sugere que, para fazer justiça ao conteúdo, um título mais fidedigno para a sua obra seria “Colapsos Sociais Envolvimento um Componente Ambiental e, em Alguns Casos, as Contribuições das Mudanças Climáticas, de Vizinhos Hostis, Parceiros Comerciais e Também a Questão das Respostas da Sociedade a Tudo Isso”. É justo.

Será que é por aí? – Richard Rorty, um dos mais influentes intelectuais da atualidade, é bastante taxativo na opinião de que deveríamos tratar a história da filosofia como tratamos a história da ciência. Nessa área, ele diz, “não relutamos em dizer que sabemos mais do que nossos ancestrais sobre os temas que eles discutiam. Não achamos anacrônico dizer que Aristóteles tinha um falso modelo dos céus ou que Galeno não entendia como o sistema circulatório funcionava. Admitimos a ignorância perdoável dos grandes cientistas”. Rorty pretende, como próximo passo, que admitamos abertamente a

ignorância de um Aristóteles, “que não sabia que as tais essências verdadeiras não existiam” (sic). Ou, então, que consigamos enxergar a ignorância de Leibniz, que “não sabia que Deus não existe” (sic). O protesto de Rorty vai contra aqueles que, em vez de apontar os “ignorantes de plantão”, tergiversam, reconhecendo apenas “visões filosóficas distintas”. O corolário é que deveríamos, na concepção deste filósofo pragmático americano, abordar o “*progresso moral*” com a mesma naturalidade que falamos em *progresso material*. Outras tantas posições polêmicas, como esta que aqui trouxemos à baila, estão expostas em *Verdade e Progresso* [Manole, 2005], de Richard Rorty.

A barganha faustiana de nosso tempo – O doutor Fausto, célebre personagem de Goethe, é bem conhecido pelo pacto firmado com o diabo Mefistófeles, por meio do qual este lhe concederia todos os bens materiais, e Fausto, em contrapartida, entregaria, literalmente, a alma ao diabo! O diálogo imaginado entre Fausto e Mefistófeles, em que o doutor aceita os termos do contrato proposto pelo diabo, é desta forma ilustrado por Goethe:

*Se estiver com lazer num leito de delícias,
Não me importa morrer! Assim fico liberto!
Se podes me enganar com coisas deliciosas,
Doçuras a sentir, prazeres! Alegria!
Se podes me encantar com coisas saborosas,
Que seja para mim o meu último dia!
Quero firmar o acordo.*

O dilema expresso pelo drama de Goethe, pondera o professor Salvatore D’Onofrio [*Pequena Enciclopédia da Cultura Ocidental*, Campus, 2005], é precisamente aquele que envolveu os românticos do século XIX, balançados entre “o ideal do sonho e o grotesco da vida real”.

A barganha faustiana do século XX, Isaiah Berlin a capta em sua última antologia de ensaios publicada no Brasil, qual seja, *A Força das Idéias* [Companhia das Letras, 2005]. Sir Berlin percebeu que, no rastro do ideal iluminista da verdade única e harmoniosa, muita coisa boa foi indubitavelmente feita: sofrimento mitigado, ignorância revelada, dogmas refutados, preconceitos e superstições escarnecidos com êxito. Porém, o sonho dos iluministas, a demonstração de que tudo no mundo se movia por meios mecânicos, de que todos os males podiam ser curados por passos tecnológicos apropriados, de que era possível a existência de engenheiros para as almas humanas – essas crenças mostraram-se ilusórias. O pior foi o altíssimo preço que tivemos de pagar por aceitarmos levar adiante a ambição dos homens das Luzes. O século XX – em sua primeira metade, sobretudo – cobrou-nos caro – e da forma mais sinistra e opressiva possível – o pedágio pelo ideal do *progresso*. Os avanços científicos, ao passo que serviam de passaporte para um futuro idealizado, também escancaravam as portas para uma nova era de destruição em massa, inaugurando a perspectiva da destruição total da existência humana. *Viva o progresso!* Quem viver, verá.

OBRAS:

- Isaiah Berlin, *A Força das Idéias*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- Jared Diamond, *Colapso*. Rio de Janeiro, Record, 2005.
- Richard Rorty, *Verdade e Progresso*. São Paulo, Manole, 2005.
- Ernst Mayr, *Biologia, Ciência Única*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- Salvatore D’Onofrio, *Pequena Enciclopédia da Cultura Ocidental*. Rio de Janeiro, Campus, 2005.